

Caracterização de um sector profissional e as práticas locais no processo de mutação de uma comunidade piscatória: O caso da Nazaré. ¹

João Delgado²

Resumo

A Pesca na Nazaré tem vindo gradualmente a definhar. Assim indicam os dados facultados pelas entidades oficiais. Nos últimos trinta anos, esta comunidade perdeu cerca de metade dos seus pescadores. Importa, portanto, refletir sobre os fenómenos causais que podem explicar a realidade atual. Percorrem-se aspetos culturais, históricos e conjunturais na tentativa de explicar o que existe hoje. As relações de interdependência entre produção e comercialização indicam um franco desequilíbrio na repartição do valor gerado ao longo da cadeia de valor dos produtos da pesca parecendo ser um dos fatores centrais desta erosão. A um mercado que não funciona, à concentração do negócio da comercialização, às características dos comerciantes de pescado juntam-se também as debilidades organizativas por parte da produção, criando assim um caldo propício ao declínio das pescas locais. Por outro lado, às lógicas globais que foram “impondo” um abandono da pesca, a comunidade foi respondendo por múltiplas formas, adotando novas táticas de sobrevivência e reinventando-se enquanto comunidade. O Turismo tem sido a plataforma de suporte a esta grande transformação social, económica e cultural.

Palavras-chave: Nazaré, Pesca, Comunidade, Exploração, Hegemonia, Violência-Simbólica.

-
- 1- Este ensaio reflete uma parte substancial de uma reflexão promovida na unidade curricular Análise de Classes e Transformação Social do programa de doutoramento em Relações do Trabalho, Desigualdade Social e Sindicalismo, ministrada pelo Professor Elísio Estanque no primeiro semestre de 2016/2017.
 - 2- Aluno de Doutoramento em Relações de Trabalho, Desigualdade Social e Sindicalismo – Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra em parceria com o CES – Centro de Estudos Sociais. É Vice- presidente da Cooperativa Mútua dos Pescadores.

Enquadramento

Importa nesta fase referir que a reflexão aqui apresentada parte de alguém que viveu, e vive, por dentro o objeto de análise. Nascendo nesta comunidade piscatória (Nazaré) e pertencendo a uma família que sempre sobreviveu do mar, da pesca e de outras atividades marítimas como a Marinha de Comercio, seria impossível fazer uma abordagem meramente positivista, despojada dessa vivência e da multiplicidade de deduções que fui acumulando ao longo dos anos, enquanto membro ativo da comunidade e profissional da Pesca durante treze anos. «Reconhecer nossa própria posição dentro no campo disciplinar permite-nos objectivar nossa relação com aqueles que estamos estudando, e isso fará de nós melhores cientistas» (Burawoy, 2014)

Desta forma, porventura, perceber-se-á melhor as minhas reflexões que incidirão nas relações da “cadeia de exploração” entre as várias localizações de classe nas estruturas de classe do setor produtivo - Pesca e a exploração, “transsetorial”, exercida por parte dos agentes da grande comercialização e distribuição de produtos da pesca. «Se o mar é amargo, o mercado é cruel» (cit.in. *A Terra Treme*; 1948)³

3- ***A terra treme*** – Filme do realizador Luccino Viscont, 1948, inscrito no cinema neorrealista italiano, que alude a um tema perfeitamente atual – as falhas e limitações do empreendedorismo, como reação à falta de oportunidades de trabalho ou de uma remuneração justa. Uma família de pescadores de Aci Trezzi – Cecília- Itália, confrontada pela exploração dos comerciantes de pescado sem escrúpulos, que não compra o seu produto por um preço justo, decidem trabalhar por conta própria, hipotecando a própria casa para comprar uma embarcação de pesca. A iniciativa privada, débil do ponto de vista financeiro, sofre um revés durante uma tempestade que destrói por completo a embarcação. A família cai em desgraça. Perdem a casa, o trabalho, a dignidade e rapidamente passam de modelo a seguir a chacota da sociedade.

«Pelo que pude testemunhar, a presença da “mão invisível” do mercado, acarretando uma separação clara entre as exigências de economia e a moral individual, dá lugar à avidez e a formas perversas de exploração dos mais fracos. Para além dos burburinhos em torno dos casos de corrupção, do conflito ostensivo com as autoridades e da incompetência da política administrativa para lidar com as especificidades dos problemas dos pescadores, a honestidade de alguns agentes envolvidos no funcionamento do mercado verga-se às exigências do negócio, não olhando a meios.» (Nunes; 2008:142)

As questões de mercado e forma como é distribuído o que é gerado ao longo da cadeia de valor, em minha ótica, parece ter sido, embora não a única, uma das questões centrais na transformação da comunidade piscatória da Nazaré. Até porque é na forma como uns se apropriam de recursos a expensas de outros, bem como na medida em que a submissão à dominação é assumida de forma consciente ou inconsciente pelos dominados, que residem as possibilidades de desenvolvimento de convulsões e formas de ação coletiva no interior dos processos produtivos que poderão desencadear, ou não, profundas alterações sociais. Logo, parece-me fundamental convocar a esta reflexão os conceitos de exploração em Marx, violência simbólica em Bourdieu ou de hegemonia em Gramsci, que estão, como sempre estiveram, presentes desde o feudalismo às sociedades capitalistas atuais.

Características da classe piscatória da Nazaré

Sem entrar em grandes detalhes de ordem quantitativa, baseando-me apenas em números base, facultados pela capitania do Porto da Nazaré, aponta-se para a existência, em final de 2016, de 97 embarcações de pesca profissional e 395 inscritos marítimos⁴, distribuídos pelas embarcações de pesca local e costeira com registo na capitania local.

4 - **Inscritos marítimos** – Designação atribuída aos trabalhadores do mar no seu todo, englobando pescadores, marinheiros mercantes, oficiais de marinha, motoristas náuticos, profissionais das marítimoturísticas, etc.

Aquando do levantamento destes dados na Capitania da Nazaré foi interessante verificar que, no período da chamada crise financeira à escala global, com início em 2008 e que afetou com particular “estrondo” os países do sul da europa com economias mais débeis, como Portugal e Grécia, o número de novos marítimos aumentou significativamente, acompanhando a curva ascendente da crise, designadamente nos duros anos de intervenção externa da “Troika” em Portugal. No difícil triénio 2011-2014, a cada ano, a procura pelas profissões marítimas intensificava-se à medida que o “desbaste” dos postos de trabalho em terra era realidade indisfarçável.

Gráfico demonstrativo do nº de novos inscritos marítimos na capitania da nazaré entre 2010 e 2016.

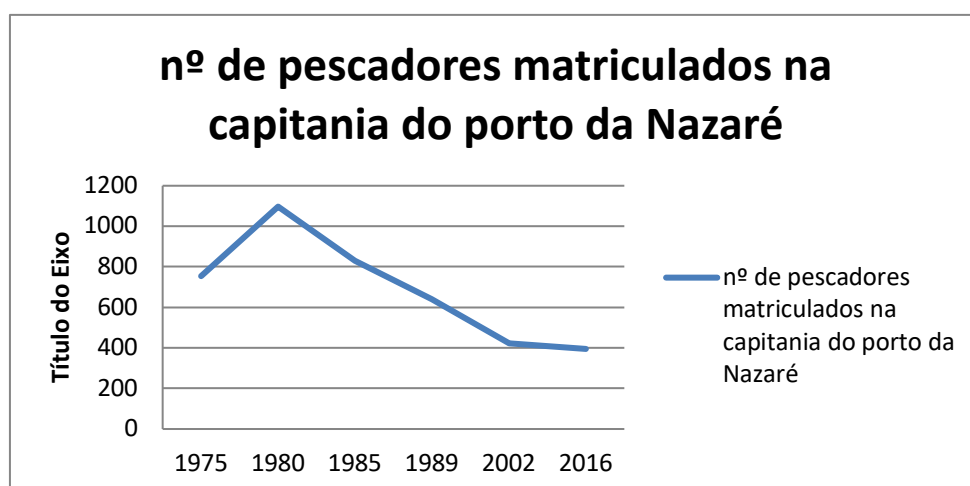


Fonte: Capitania do Porto da Nazaré

Este abrupto “regresso ao mar” que se fez sentir um pouco por todo o país, com particular intensidade na Nazaré, já que, para além da pesca, a comunidade nazarena tem uma forte relação com as atividades da marinha de comércio. Este setor surge como alternativa à pesca, fundamentalmente a partir do início dos anos 60, uma vez que o desenvolvimento da atividade piscatória local foi fortemente afetado com a não construção de um porto de abrigo que a potenciasse. O porto de abrigo da Nazaré aparece tardiamente, em 1983, já com a pesca em queda livre, cenário que se veio a

agravar com as medidas adotadas para o setor ao abrigo das contrapartidas da adesão de Portugal à então CEE. O pretexto apresentado para dismantelar este setor produtivo foi sempre o mesmo – a ameaça ao equilíbrio dos recursos marinhos! «Trata-se de conferir primazia à temática da perda e da decadência, secundarizando, ou mesmo inviabilizando, a ideia de transformação e da continuidade dos processos haliêuticos, já que a escassez e o declínio da pesca poderão, eventualmente, ser mais convenientes ao discurso político do que à análise das forças produtivas e da sua especificidade simbólica.» (Nunes, 2008)

Mas como facilmente podemos constatar pela curva que o gráfico nos apresenta, o setor marítimo não tem capacidade de manter os novos profissionais no setor. A crise agudizou-se, os empregos em terra, fundamentalmente nas áreas da construção civil e hotelaria desapareceram e o mar assumia o seu papel de “última porta a bater” para a obtenção de trabalho remunerado. Com algum alívio nas condições de vida, com uma, ainda que pálida, recuperação económica do país, com a descida das taxas de desemprego, com a reposição a partir dos finais de 2015 do que foi retirado aos trabalhadores, reformados e pensionistas ao abrigo dos cortes efetuados nos governos PSD/CDS, com o setor do turismo a atingir *performances* nunca antes vistas, o esvaziamento da procura da pesca profissional (e de outras profissões ligadas ao mar) era uma realidade concreta, tal como que os números demonstram e a vida no “terreno” comprovava.



Fonte: Capitania do Porto da Nazaré

A esmagadora maioria das embarcações de pesca da Nazaré são de pesca local, em linha com o resto do país. Pequenas embarcações de *boca aberta*⁵ onde, em média, trabalham 2 a 3 pescadores e, nalguns casos, apenas um. Têm um comprimento de fora a fora⁶, no máximo até 9m. Extraíndo 10 embarcações que se dedicam à arte xávega⁷ nas praias de Vieira de Leiria e Pedrogão, cujo registo está vinculado à capitania da Nazaré, operam a partir do porto da Nazaré 97 embarcações de pesca local e costeira, sendo que a pesca costeira é feita por embarcações dos 9 aos 24 metros de comprimento de fora a fora e a sua composição, em termos de números de pescadores, depende muito da arte de pesca a que se dedica.

Se forem embarcações dedicadas à pesca com redes de cerco⁸, vulgarmente conhecidas por cercadoras da sardinha ou carapau, operam sempre com um número superior a 7-8 pescadores dependendo do seu tamanho e condições operacionais. Algumas, no caso das maiores, podem operar com cerca de 18-20 pescadores. Na costeira polivalente⁹, a composição das tripulações oscila entre os 3 a 6 pescadores, mediante o tamanho da unidade. Temos então, 79 embarcações de pesca local e 18 de pesca costeira.

5-Embarcações de boca aberta – embarcações que não possuem convés fechado.

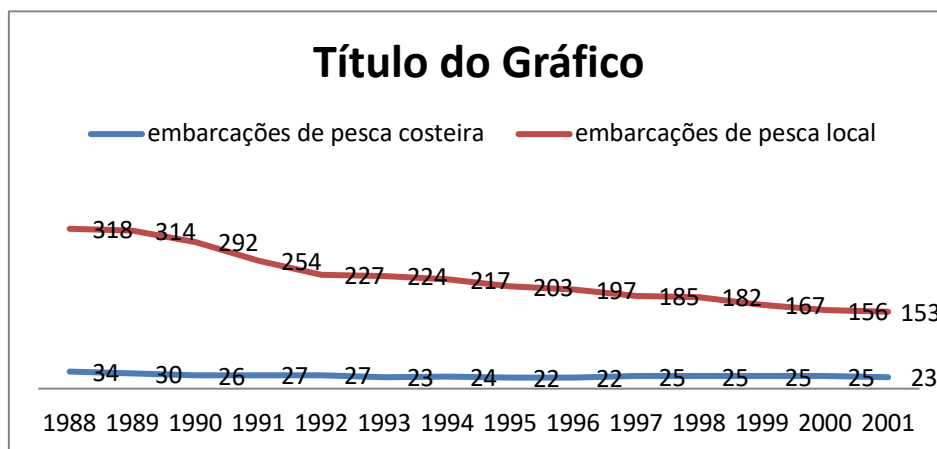
6-Comprimento de fora a fora – distância medida entre as duas extremidades (proa-popa) longitudinais da embarcação.

7-Arte xávega – consiste em arrastar uma rede de pesca, com duas asas e um saco, para a praia.

8-Redes de cerco – Tipo de pesca que consiste em cercar cardumes de espécies pelágicas, com uma rede circular, que fecha na parte inferior, formando uma bolsa impedindo a fuga das capturas. As espécies alvo são a sardinha, carapau, cavala, biqueirão, etc.

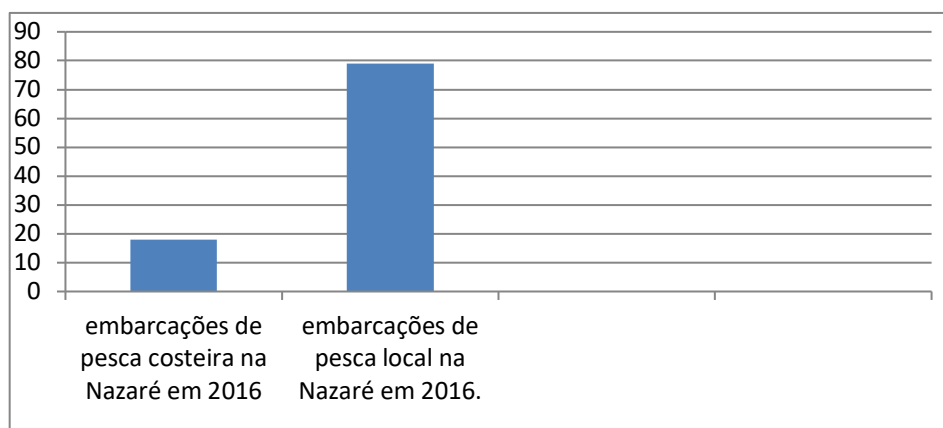
9-Costeira polivalente – Pesca efetuada por embarcações com CFF superiores a 9m, utilizando artes de pesca como linhas e anzois, armadilhas ou redes de emalhar.

Gráfico demonstrativo da evolução do nº de embarcações de pesca local e costeira, registadas e a operar no porto da Nazaré entre 1988 e 2001.



Fonte: Direção geral das Pescas e Aquicultura do Desenvolvimento Rural e das Pescas in «Nazaré dos Pescadores» (Trindade; 2009).

Gráfico demonstrativo do nº de embarcações de pesca local e costeira, registadas e a operar no porto da Nazaré em 2016



Fonte: Capitania do Porto da Nazaré

Assim sendo, verifica-se uma grande atomização do trabalho na pesca no porto da Nazaré. Cada embarcação é uma empresa! Cada pescador, mesmo que trabalhe sozinho na sua embarcação é um pequeno Empresário. Tendo em conta matriz de Erik Olin Wright, estamos perante dezenas de pequenos empresários localizados na pequena burguesia. Dentro da estrutura de classe da Pesca na Nazaré ocupam a localização de classe do proletariado quase todos os restantes membros das tripulações das

embarcações de pesca. Isto porque, quase invariavelmente, os proprietários das embarcações são simultaneamente mestres das mesmas, operando na unidade produtiva e liderando todas as fases do processo produtivo. Haverá, hoje, apenas duas embarcações na Nazaré, ambas da pesca costeira, em que os proprietários e antigos mestres, em situação de reforma, têm como supervisores qualificados os próprios filhos, que assumem o comando operacional do processo produtivo. Estamos aqui perante duas situações que fogem do panorama geral da composição da estrutura de classe na pesca na Nazaré. Três assalariados, dotados de qualificações que lhes permitem assumir os destinos da unidade e com recursos organizacionais que lhes conferem autonomia e autoridade, dentro da unidade de produção, perante os seus subordinados. Se não fossem filhos dos armadores, e por isso protegidos por benefícios implícitos nas relações familiares, estariam naquele “limbo” entre “exploradores” e “explorados”.

As formações de classe

No que concerne às formações de classe, que implica a formação de ações coletivas de forma organizada para perseguir determinados interesses de classe, através das lutas de classe, a única localização de classe que se organiza, pelo menos formalmente, são os pequenos empresários da pesca na Nazaré. Agrupados em duas associações de armadores, atomizando ainda mais um universo já de si reduzido e reduzindo, por seu turno, as capacidades de estruturar lutas de classe consequentes. As organizações sindicais, formações de classe que perseguem os interesses da classe assalariada, sendo que na Pesca na Nazaré, como já vimos, tirando raros exemplos, a proletarianização é geral na estrutura de classe, nunca se conseguiram implantar por forma a mediar os conflitos relacionais entre Capital e Trabalho.

As características do setor produtivo em causa constituído por empresas de carácter familiar, a complementaridade dos salários da atividade principal com rendimentos provenientes de atividades como o aluguer de quartos a turistas, para além de uma mistura entre Violência Simbólica e Hegemonia latentes, fazem com que se ultrapassasse com uma “ligeireza aparente” esse eterno conflito entre pólos com interesses antagónicos de classe. Em *“Entre a Fábrica e a Comunidade”* (Estanque; 2000) identificam-se fatores em tudo semelhantes aos colocados aqui relativamente às pescas

na Nazaré, no que concerne à articulação entre a indústria do calçado e a pequena agricultura. O rendimento que se pode extrair das pequenas parcelas de terra (de que são proprietários) por parte dos operários da fábrica de calçado significa uma almofada que amortece os conflitos laborais na fábrica. No caso da pesca, o aluguer de quartos a turistas, foi e é, claramente, o amortecedor nos conflitos, não tanto dentro das unidades de produção da Pesca mas, entre os pescadores (patrões e assalariados) e os comerciantes perante a constante e continuada desvalorização do fruto do seu trabalho – o pescado.

Numa grelha de preços de pescado publicada na revista *Marés*¹⁰, de agosto de 2013(sendo que pouco se alterou daí para cá), que consistia no registo dos preços de primeira venda em lota e dos preços da mesma espécie nas grandes superfícies comerciais, verificou-se algumas horas depois da primeira venda que o preço colocado ao consumidor final estava inflacionado, nalgumas espécies como pescada, safio ou raia, na ordem dos 3 a 4 mil por cento.

Não será alheio a todo este comportamento por parte tanto de empregadores como de assalariados na comunidade piscatória nazarena, o facto de se assistir a uma rápida instalação das Casas dos Pescadores como forma de “trancar” os intentos de um “sindicalismo livre” que não morrera com a criação dos 3 sindicatos nacionais de cariz corporativo em 1934, na Nazaré, em Buarcos e no Seixal. «A julgar pelos discursos de propaganda e pelo processo de implantação das Casas de Pescadores, nos seus primórdios o regime ditatorial pretendia, acima de tudo, vincular os pescadores ao Estado Novo, enquadrá-los socialmente e afastá-los da subversão sindical. Havia que evitar os perigos da “proletarização” dos grupos sociais que, lendariamente, mais se identificavam com a “tradição nacional”. Nada de mais previsível para um governo nacionalista, antidemocrático e anticomunista que anunciara “políticas nacionais” de fomentos das indústrias da pesca, prometendo garantir a “paz social” e reabilitar a autoridade do estado.» (Garrido; 2012);

10-Revista **Marés**—órgão oficial de informação da Cooperativa de Utentes de Seguros Mútua dos Pescadores.

Nestas novas estruturas para enquadrar socialmente os pescadores, os mesmos, não tinham qualquer tipo de autonomia representativa «As Casas dos Pescadores não dispõem de Assembleia Geral, nem de direcções eleitas; nos termos da lei, o presidente da direcção é o capitão do porto» (idem).

A visão assistencialista e paternalista por parte do Estado Novo que Tenreiro e as Casas dos Pescadores materializavam e personificavam, atribuíam a condição aos pescadores nacionais de um imenso grupo de órfãos que alguém tinha que pôr a mão por baixo. Gente rude e incapaz de tomar rumo sozinhos. Esta visão e ação durante os 42 anos de ditadura moldou decisivamente os “*habitus*” das gentes da pesca.

Certas comunidades libertaram-se mais depressa que outras deste sentimento de orfandade, misturada com sebastianismo, com o advento da revolução de abril de 1974. Outras nem tanto. Como penso ser o caso específico da Nazaré. Mudando de escalas e de figurantes, hoje, localmente, a comunidade piscatória recorre muito mais a “Tenreiros” e “Cerejeiras” locais, para resolver os seus conflitos laborais ou constrangimentos ao desenvolvimento da sua atividade produtiva, do que às suas próprias formações de classe. Deixaram de saber, por estarem privados de o fazer durante mais de quatro décadas, tomar o destino coletivo nas próprias mãos. Ficaram órfãos de vontade.

A pesca do bacalhau como fator de aceitação face à dominação

Outro dos fatores que poderá ter contribuído para esta postura dócil para com os mestres-patrões, bem como, para com aqueles que, atualmente ditam as regras de mercado e como tal exercem sobre eles mecanismos de acentuada exploração – os grandes comerciantes de pescado – prende-se com o facto de a Nazaré ser uma das principais comunidades de pescadores de bacalhau do país cujas práticas e condutas impostas se incrustaram para além dos mares gelados do atlântico norte e perpassaram gerações, chegando aos nossos dias. «Quando entrou em cena como delegado do governo, em meados de 1936, Tenreiro ajudou o governo a negociar com a oligarquia das pescas as primeiras “condições de trabalho” dos pescadores de bacalhau da “era

corporativa”. Como seria prática de então por diante, esse primeiro contrato unilateral; excluía o “trabalho” de eventuais negociações e colocava o Estado a acordar consigo próprio e, diretamente, com o “capital”. (Garrido; 2012) No entanto, o que se sente nesta comunidade é que a divisão interna na classe é uma evidência alarmante, com posturas constantemente hostis entre pares, que se reflete na ausência de formações de classe ao nível do proletariado. Este comportamento ora dócil com uns, ora extremamente agressivo com outros é sintomático de um quadro de hegemonia, tendo clara percepção da dominação a que estão submetidos, misturada com a incapacidade de se organizarem em formações de classe no sentido da resolução dos seus constrangimentos de classe, reproduzindo essa tentativa de dominação do outro, designadamente em relação aos indivíduos com a mesma localização de classe.

A religião e o carnaval como formas de reprodução e resistência à dominação

Este comportamento dual tem reflexo nas manifestações culturais e religiosas locais, na medida em que as mesmas têm ajudado a moldar os comportamentos da classe no seu todo estrutural. Identifico dois momentos marcantes da cultura local que são paradigmáticos do comportamento quase “bipolar” dos profissionais da Pesca – o Carnaval e a procissão do Senhor dos Passos, o santo da devoção dos pescadores da Nazaré. «O Carnaval é para os nazarenos o ritual mais alto da sua vida coletiva e por isso aparece aos nazarenos como o momento mais importante para a afirmação da sua especificidade linguística, quer escrevendo marchas e cegadas, quer falando ostensivamente “à moda da praia¹¹”. As marchas e as cegadas¹² constituem, por isso, uma fonte escrita importante para a recolha dos termos e da fonética locais, dado que os seus autores procuram, tanto quanto sabem, escrever, respeitando o modo de falar dos pescadores; por outro lado, nestas marchas e cegadas, está também presente uma representação do homem e da mulher da comunidade piscatória tradicional.» (Trindade; 2008)

11- Falar “à moda da praia” – dialeto local nazareno.

É também nestes momentos cénicos ou musicais que se lava a “alma” satirizando sobre o que se passou durante o ano transato. « (...) não existe, no princípio das relações

de poder, e como matriz geral, uma oposição binária e global entre dominadores e os dominados(...) Deve antes supor-se que as relações de força múltiplas que se formam e atuam nos aparelhos de produção, nas famílias, nos grupos restritos, nas instituições, servem de suporte a largos efeitos de clivagem que percorrem o conjunto do corpo social» (Foucault; 1994, *cit in*, Trindade; 2008) «(...) O que caracteriza, quer o poder, quer a resistência ao poder, é o seu carácter difuso. Tanto a resistência como o poder estão “em toda a parte» (idem). São estes jogos sub-reptícios de resistência à dominação que o Carnaval corporiza. É também pelos comportamentos adotados pelos dominados no carnaval, evidenciando percepção da dominação, que me arrisco a distanciar o conceito de violência simbólica em Bourdieu destes casos concretos. «Autores com Michel de Certeau (1984), Mikhail Bakhtin (1984) ou John Fiske (1993) há muito chamaram a atenção para a importância das “táticas” de resistência, das acções de perversão “carnavalesca” e das técnicas da “farsa” a que se dedicam os indivíduos sobretudo quando sujeitos a formas de opressão e exclusão social» (Estanque; 2005). Estanque tende a aplicar a visão destes autores ao contexto da produção no interior da fábrica, à pequena sabotagem, ao domínio da técnica como jogos e formas de resistência, mas aqui aplico literalmente os conceitos de “farsa” e perversão “carnavalesca” como modo de resistência e de denúncia face à dominação, com efeito catártico para os dominados.

12- Cégadas – Pequenas peças de teatro levadas à cena no carnaval da Nazaré com o objetivo de satirizar com os acontecimentos do ano transato e por outro lado engrandecer a imagem do pescador Nazareno, designadamente através de fados em sua homenagem.

Dos elevados consumos de álcool, dos estados de euforia generalizada, da sátira de uma extrema criatividade (características dos dominados), das perversões e farsas

que só o carnaval permite e que duram até à madrugada, já dia claro, da quarta-feira de cinzas, passa-se para um estado depressivo-compulsivo, apenas algumas horas depois, aquando dos bailes e manifestações de enterro do “santo entrudo” ou enterro do “bacalhau” (como é tratado na Nazaré). As vestes extravagantes, dissonantes e desencontradas, dão lugar ao melhor fato que há em casa, com direito a gravata ou sapatos de salto, dependendo do género. Os rostos “desmontados e por construir” da madrugada de quarta-feira dão lugar a rostos fechados e retraídos, reveladores de uma grande agonia na noite do mesmo dia. «Acabou nosso carnaval/Ninguém ouve cantar canções/Ninguém passa mais/Brincando feliz/E nos corações/Saudades e cinzas/Foi o que restou/Pelas ruas o que se vê/ É uma gente que nem se vê (...)» (Vinícius de Moraes, in *Marcha da quarta-feira de cinzas*). A marcha de quarta-feira de cinzas é a demonstração cabal de que a cultura popular, em contextos sujeitos a complexos mecanismos de dominação e onde as desigualdades sociais são evidentes, reflete-se de forma semelhante e com elementos transversais transnacionais.

Será que é este tipo de disparidades de comportamento permitem que se encaixe, de forma natural, outro tipo de discrepâncias, como nos casos das diferenças de preços praticados entre a primeira venda e o consumidor final? Ou suportar as pesadas jornadas de trabalho, como dias de mar que se estendem desde as duas da madrugada até às vinte horas, para voltar ao mar no dia seguinte às duas da madrugada e voltar novamente às vinte horas e, em muitos casos, para ganhar muito menos do que é necessário para a sua subsistência? Por certo que as conexões e predisposições mentais para a dominação são forjadas na cultura onde encontram um suporte inalienável e com efeitos reprodutores.

Não é de todo incomum verificar os mesmos indivíduos da classe piscatória, algumas semanas mais tarde (depois do carnaval), integrarem de forma ativa a organização da procissão em honra da divindade com maior peso simbólico para os pescadores – A procissão do Senhor dos Passos¹². As mesmíssimas caras fechadas, os mesmos fatos de gala, têm uma segunda oportunidade de sair a público, reafirmando que os devaneios de “carnaval” não passam disso mesmo e ficam enterrados nesse período que não se leva a sério! Pois aquilo que realmente são, vê-se tanto nos bailes de quarta-feira de cinzas como também na procissão “dos Passos”.

O peso religioso, por razões óbvias e que se prendem com a aleatoriedade da pesca, com o confronto permanente com um meio que não se domina, é tremendo. Um peso que cresceu exponencialmente na comunidade, no período da crise entre 2011-2014. Uma maior exposição a cenários de miséria extrema abre caminho a uma maior dependência da ação caritativa ao abrigo da obra social da igreja. A Nazaré, neste campo, tem outro condimento fundamental que moldou a “práxis” dos pescadores – o culto mariano em relação à nossa senhora da Nazaré. A Confraria de Nossa Senhora da Nazaré é a organização religiosa que, ao longo de séculos, tem aplicado na prática essa ação assistencialista e caritativa na direta dependência da igreja católica. Hoje, é uma organização que significa o segundo maior empregador do concelho, logo depois da Câmara Municipal da Nazaré. Esta IPSS, com características muito particulares, tem servido também de porta de acesso para que a religião católica reforce posições dentro da classe piscatória local.

A ausência de mecanismos de reflexividade

«Finalmente, Bourdieu depositava maior confiança na verdade escolástica produzida na academia, ao passo que Gramsci fundamentava a verdade na experiência dos trabalhadores no processo da produção e nos comités de fábrica, abrindo caminho para aquilo que ele denominou o “intelectual orgânico” incrustado na classe trabalhadora.» (Burawoy; 2010). Analisando a citação supra referida e estabelecendo um paralelismo com as características dos profissionais da pesca da Nazaré, realidade que conheço por dentro e desde sempre, arrisco-me a afirmar que a verdade, entendendo a mesma como mecanismos de alteração das condições sociais com horizontes mais justos e igualitários, aplicada a esta realidade concreta, se situa numa linha de interface entre o saber escolástico defendido por Bourdieu e a experiência dos trabalhadores nas fábricas e locais de trabalho de que fala Gramsci. No entanto, senti desde sempre que a grande lacuna dos profissionais da Pesca, na sua generalidade, tinha, e tem, se prende com o impedimento de uma maior capacidade reflexiva sobre a dominação de que eram, e são alvo, e quais os efeitos reais nas suas condições de vida. Logo, a baixa escolaridade gritante dos profissionais da pesca não só na Nazaré como em todo país, é muito provavelmente o maior constrangimento ao desenvolvimento do setor. Os trabalhadores da atividade da pesca e aquicultura possuem um nível baixo de

escolaridade. «A maioria, 77,5%, não têm o 9º ano de escolaridade completo: 8,5% não apresentam qualquer nível de escolaridade, 41,3% possuem apenas o 1º ciclo e 27,7% atingiram o 2º ciclo. Com o 3º ciclo completo são apenas 14,9%. A situação não apresentou grande variação relativamente a 2001, quer em termos estruturais quer regionais.» (INE; 2012) Naturalmente, o caldo criado entre cultura local e condições socioeconómicas dos trabalhadores da pesca na Nazaré têm impedido o trabalho para colocar ao serviço da coletividade o “bom senso” existente por debaixo do seu próprio senso comum (Gramsci). Entendo que nem todo o senso comum é mau senso na classe piscatória local (Bourdieu), mas o “bom senso” existente não tem sido suficiente para estancar a marcha decrescente do setor ao nível local.

A comercialização na Nazaré

A comercialização feita a partir da lota da Nazaré, local da primeira venda de pescado, contempla hoje um número também reduzido de comerciantes, o que ao “abrigo das leis de mercado” impede que o mesmo funcione na sua plenitude, já que a concorrência, principalmente a partir de determinadas horas do dia, simplesmente não existe. O desaparecimento gradual das tradicionais “peixeiras” ao longo de toda a década de noventa do século XX e a primeira década do novo século foi uma evidência. A incapacidade de adaptação às novas regras comunitárias, que serviram para quebrar resistência à continuidade da pequena comercialização, que invariavelmente era feita por mulheres de pescadores, bem como, o aparecimento da grande distribuição (grandes superfícies comerciais) ditou o fim destas micro e nano comerciantes de pescado. Arriscando-me a afirmar, apenas com base empírica, que nos finais da década de oitenta e princípios dos anos noventa, existiam mais de duas centenas de comerciantes de pescado com estas características. Dados fornecidos pela Docapesca Portos e Lotas, SA., indicam que, no final de 2016, registavam-se na lota da Nazaré 55 comerciantes de pescado. Existem dois grandes comerciantes de pescado – Nazaré Peixe, Lda e Luís Silvério e filhos, SA. Existem também cerca de 3 empresas de média dimensão nesta área. Os restantes são, ainda, peixeiras tradicionais que vendem o seu peixe em mercados da região, que se pulverizam pelos distritos de Leiria e Santarém. A concentração e monopólio da comercialização de pescado na Nazaré foi uma evidência clara. E ao mesmo tempo que a curva descendente do número de pescadores e

embarcações e de pequenos comerciantes de pescado se acentuava nos últimos trinta anos, a concentração de capital, o monopólio e expansão do negócio, o aumento exponencial do volume de negócios das duas grandes empresas referidas era também uma claríssima realidade.

Reportando-me a caracterizar apenas as grandes empresas de comercialização e transformação de pescado locais, com as quais ao longo do meu tempo de mar tive relações diretas de abastecimento de pescado, registo traços transversais relativamente às características dos empresários das empresas, evidenciadas por Estanque em *O Despotismo Fabril*. «É conhecida a fraca sensibilidade da generalidade dos empresários portugueses para com as questões sociais, bem como a sua relativa indiferença para com as condições de trabalho e os direitos dos trabalhadores.» (Estanque; 2005) «Um empresário dinâmico, orgulhoso de ter conseguido tudo o que tem à sua própria custa» (Idem). Estas são características intrínsecas nestes empresários locais ambos unidos por laços familiares cujo negócio já vai na terceira geração a caminho da quarta. Conhecedores do meu trabalho de denúncia, designadamente em relação ao setor em causa, nunca deixaram de demonstrar, algumas vezes chegando quase a vias de facto, nomeadamente com um destes dois empresários, a sua indignação pelo facto de eu trabalhar na pesca. Questionavam-se porque é que alguém que tinha estudado andava a agitar um mar de água cronicamente calmas, pelo menos para eles. Consideravam que não podia andar a escrever o que escrevia nos jornais, nem dizer nas rádios o que dizia... «não deixa, contudo, de ser significativa a reação “indignada” do patrão quando soube, semanas depois da conclusão do meu trabalho, que eu tinha participado num debate promovido pelo sindicato onde foram referidos (e depois divulgados na imprensa) alguns dos constrangimentos e práticas autoritárias de que os trabalhadores do calçado são vítimas nas empresas.» (Estanque; 2008). O conflito era latente, não por relações de trabalho, mas por recusa da dominação por um lado e a tentativa de manter a dominação do outro. Um conflito “transsetorial” entre produção e comercialização por uma justa distribuição da riqueza gerada na cadeia de valor.

Estas grandes empresas capitalistas, do ponto de vista da sua estrutura de classe, encerram em si as mais diversas localizações de classe. O detentor dos meios de produção, empresário com os traços que acima identifique, caracterizado pela baixa

escolaridade, mas com grandes recursos organizacionais, senhores de uma autoridade totalizante. Uma ostentação, “praxis” e “habitus”, inerente a uma burguesia emergente. Diversificam os investimentos fora da fileira da pesca, designadamente no sector imobiliário, turístico e, ultimamente, tentando apossar-se de unidades de produção da pesca. A concentração ainda mais se acentua. Por seu turno, os assalariados nestas empresas percorrem todas as localizações de classe apontadas na matriz de Wright, desde os gestores qualificados até ao operariado, passando pelas localizações intermédias dos supervisores qualificados e semiqualificados. Têm grande proximidade aos governos locais e outras esferas na administração central, tendo uma elevada capacidade de influência. Transmitem, simultaneamente, para a opinião pública uma imagem de beneméritos, financiando as principais iniciativas locais, principalmente ao nível do desporto de massas, bem como ocupam a linha da frente nas doações a associações humanitárias ou de cariz social, como os Bombeiros, a Cruz Vermelha a Cerci ou Centros Sociais.

A Nazaré das ondas Gigantes

Agora, à medida que desaparecem embarcações de pesca e com elas os seus pescadores, o Turismo suplanta todas as estatísticas a cada ano que passa. Sendo este, o sector que mais cresce em Portugal, bem como, é crescente a precariedade no que concerne às relações de trabalho neste sector.

O fenómeno das Ondas Gigantes tem atraído à Nazaré vários milhares de visitantes nos últimos. Os praticantes de Surf de ondas grandes foram acolhidos pela comunidade em geral, e pela piscatória em particular, de forma ampla e entusiástica. Os armazéns de pesca dão lugar a oficinas de construção de pranchas de Surf, a “Lunch” de surfistas e as grandes marcas multinacionais, como a Mercedes, ocupam as posições de destaque no Porto da Nazaré.

O “mosaico” socioeconómico do Porto da Nazaré mudou radicalmente na última década. No entanto, a vida dos pescadores e das suas famílias não sofreu alterações significativas. As formas complementares de encaixar rendimentos mantêm-se: venda

informal de pescado e aluguer de quartos. Ainda assim, e com a exigência cada vez mais apurada dos turistas, com a instalação de muitas unidades de Alojamento Local, Hostels e outras unidades hoteleiras, a procura pelos “peculiares” quartos das casas dos pescadores tem decrescido face à oferta existente.

Com o mercado de produtos da pesca a não valorizar o produto na 1ª venda, com o Turismo a crescer e, no entanto, a não conferir garantias de estabilidade laboral aos seus trabalhadores, com a oferta de alojamento a subir exponencialmente, sendo a atividade cada vez mais “formal”, fiscalizada e exigente, o Turismo parece estar a voltar-se contra a comunidade local criando-se todas as condições para a concentração, também desta atividade, em empresas já instaladas no sector há décadas e de outros investidores emergentes, alguns, ligados à comercialização de pescado.

A especulação imobiliária instala-se com grande poderio, expulsando a comunidade local para a periferia da vila ficando o centro para os “investidores”. Os jovens, têm que sair do concelho para procurar trabalho ou o acesso a uma habitação minimamente digna. Muitos deles, são filhos e netos de pescadores já sem lugar na comunidade atual.

Considerações finais

A reflexão aqui apresentada, permite ver, de um certo ângulo, as mutações de uma comunidade piscatória com base nas suas próprias dinâmicas sociais e práticas culturais.

Partindo da própria “socioanálise”, tentei fazer com que se perceba o porquê do meu objeto de reflexão tendo como ponto de partida o que vivenciei nos últimos treze

anos, enquanto pescador profissional e durante toda a vida enquanto membro da comunidade piscatória sobre a qual recai a reflexão apresentada – a Nazaré.

O cerne da questão reside na tentativa de explicar os factos que levam ao desaparecimento gradual de uma comunidade piscatória concreta, a sua transformação e as táticas e estratégias de sobrevivência da referida comunidade. Levantam-se várias hipóteses que podem ajudar a explicar o fenómeno com impactos significativos de nível socioeconómico e cultural no interior da comunidade. Tento serpentear por aspetos da formação da própria classe, questões de ordem cultural, histórica e conjuntural. Analiso práticas e comportamentos, esperando encontrar uma coerência que me ajude a chegar a algumas conclusões sobre uma evidência patente na classe piscatória da Nazaré: uma miscigenação entre violência simbólica e hegemonia, face a uma clara relação de exploração “transsetorial” entre a produção e comercialização de produtos de pesca.

As tendências indicam que, pela diminuição do número de pescadores e embarcações locais, acompanhando uma erosão nos pequenos comerciantes de pescado e uma grande concentração da comercialização num número reduzido de grandes empresas desta área, há uma relação direta entre as tendências neoliberais da economia assentes na desregulação dos mercados, e na reduzida intervenção dos estados na geração de equilíbrios nas relações comerciais, com o desaparecimento gradual da pesca na Nazaré. Ainda assim, este parece ser o principal constrangimento que o setor atravessa, mas não será o único. No entanto, é evidente que há uma relação causal entre a baixa escolaridade dos pescadores, a ausência de formações de classe (pelo menos nos assalariados), as razões históricas e culturais que acentuaram estas lacunas e a incapacidade de agir coletivamente no sentido de se travar lutas de classe em defesa dos seus interesses, inclusive organizando formas de intervir no mercado, valorizando os seus produtos e garantindo a longevidade da sua atividade e deste setor produtivo, estratégico para a economia nacional. A voracidade dos grandes comerciantes locais, com as suas práticas despóticas, tem alimentado e reproduzido até à exaustão este estado de decadência nas pescas locais.

Por ultimo as estratégias de sobrevivência da comunidade, que encontrou no Turismo a principal fonte de complementaridade de rendimentos durante décadas,

hoje, com o fenômeno das ondas gigantes e a atração de grandes investidores capitalistas, até essa forma alternativa de sobreviver parece estar ameaçada por ser uma atividade cada vez mais apetecível ao grande capital, mais rentável, mais fiscalizada e mais formal.

Referências Bibliográficas

Burawoy, Michael: *O Marxismo Encontra Bourdieu*, Ruy Braga (org.), Unicamp, 2010.

Burawoy, Michael: *O Marxismo Sociológico Quatro Países; Quatro Décadas, Quatro Grandes Transformações e uma Tradição Crítica*, São Paulo: Alameda, 2014.

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado: *Dicionário das Crises e das Alternativas*, Universidade de Coimbra, Almedina S.A., 2012.

Estanque, Elísio; Mendes, José Manuel: *Classes e Desigualdades Sociais em Portugal*, Porto: Afrontamento, pp.19-37,1997.

Estanque, Elísio: *As Classes Sociais na Sociedade Portuguesa: Um Estudo Apoiado no Modelo de Erik Olin Wright*, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, centro de Estudos sociais,1997.

Estanque, Elísio: *O Modelo Teórico de Erik Olin Wright*, in *Entre a Fábrica e a Comunidade Práticas e Subjectividades de Classe no Operariado do Calçado*, Porto: Afrontamento, 2000.

Estanque, Elísio, in Cabral, M. Villaverde; Vala, Jorge; Freire, André (org.), *Desigualdades Sociais e Percepções de Justiça*. Lisboa: ICS, pp.69-105, 2003.

Estanque, Elísio: *O Despotismo Fabril*, Revista Portuguesa de História, nº37, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 131-152. 2005.

Garrido, Álvaro: *Mútua dos Pescadores Uma Biografia de uma Seguradora da Economia Social*, Âncora, 2012.

Nunes, Francisco Oneto (Coord.): *Culturas Marítimas em Portugal*, Âncora,2008.

Trindade, José Maria: *A Nazaré dos Pescadores Identidade e Transformação de uma Comunidade Marítima*, Colibri, 2008.